

MESTIÇOS PRETOS DE FILA BRASILEIRO: UM FERRO DE MADEIRA

José Souto Maior Borges

Os mestiços de Fila com Dinamarquês, Mastim Napolitano e Mastim Inglês são identificáveis, com segurança, pelo fenótipo, que torna ostensiva a mestiçagem oculta e subreptícia. Não são necessários exames sofisticados de DNA para comprovar a mestiçagem. Mas essa comprovação fenotípica exige um conhecimento aprofundado do fenótipo desses cães, que não é dado a todos. A análise da estrutura, temperamento e sistema nervoso dos mestiços, mostra sinais inconfundíveis de mistura racial. Porém, só um criador ou juiz experiente podem identificar as características que os cruzamentos interraciais provocam no fenótipo dos cães misturados, verdadeiras teratologias.

A mistura tem razões que a razão *não* desconhece. Não é possível lograr a cor preta, sem associá-la a outras características morfológicas dos mestiços. Felizmente, há uma espécie de cão mestiço (sem exceção, mestiço) identificável só pela cor. O preto “sólido”, que solidamente comprova mistura, assim como a comprova o cão portador de manchas pretas, inconfundíveis com as rajadas (listas). Em toda a minha longa vivência de criador e juiz não vi, jamais, um “fila preto” típico. Paradoxalmente no entanto o mestiço preto acaba por aliar-se à luta contra miscigenação. Porque de cor todos conhecem, sendo desnecessário o menor conhecimento do padrão do Fila, no contraste com as suas contrafações raciais.

Dispensável, para tanto, confrontar com o padrão do Fila características morfológicas dos mestiços, como, p. ex., (a) rima labial em V invertido, papada misturada com barbela (mestiço com Mastim Napolitano); (b) focinho mais curto que o crânio e conseqüente mordedura em torquês (mestiço com Mastim Inglês); (c) estrutura corporal “leve”, delgada, quadrada (mestiço com Dinamarquês). Por isso, em momento de inspiração, me foi possível elaborar certa feita o padrão dos mestiços “mastifados” e “adogados” em “O Fila”, boletim sob minha responsabilidade, do CAFIB-RECIFE.

Que presente das estrelas! A identificação da mestiçagem nos cães pretos prescinde do conhecimento cinológico: basta constatar a cor atípica do cão para legitimar-se o silogismo perfeito: premissa maior: “Todos os cães “fila pretos” são mestiços”; premissa menor: “Eis aqui um cão preto”; conclusão: “Então, esse cão é mestiço”. É assim, com essa simplicidade, que o mestiço preto se torna um valioso aliado dos que propugnam a erradicação definitiva da mestiçagem. Uma consequência decerto indesejada pelos mestiçadores.

Só o desconhecimento total – verdadeira indigência cinológica – dessa “metodologia” específica e peculiar de identificação da mestiçagem, possibilitou certa feita que eu fosse instado a exhibir um “fila preto” atípico. Para que, se todo “fila preto” é atípico? A objeção se erguia como se houvesse duas classes de “filas pretos”, os típicos e os atípicos. E só há uma – nenhuma excetuada, a do “fila preto” atípico. A terminologia “Fila puro” é no fundo pleonástica. Mas, a expressão “fila preto” é autocontraditória, um ferro de madeira. Não há pois necessidade de exhibir nenhum preto para comprovar a mestiçagem. Dada a universalidade dos “filas pretos”, descaberia analisar um desses mestiços pretos em particular. Pura inutilidade. Desconhecimento de lógica elementar.

O caminho lógico para destruir a universalidade do enunciado “todo preto é mestiço” seria diverso. Quem pretende a existência de “fila preto” puro deveria exhibir um (típico). Por essa via, quebrar-se-ia a universalidade do enunciado contrário. Mas essa é missão impossível. O Fila Preto é como o éter. Pensou-se que existia e ele era uma miragem. Por que os que apregoavam a excelência dos pretos nunca a demonstraram a sua tipicidade? Resta, portanto fortalecida a tese de sua atipicidade.

Por esses motivos, independentemente das intenções, é um ato de lesa-pátria exportar mestiços pretos para a América do Norte e outros países. Se a sua venda internacional ocorrer de boa-fé, estarão equivocados os exportadores brasileiros e adquirentes estrangeiros. Se, ao contrário, se der ela de má-fé terão, os exportadores nacionais, ludibriado intencionalmente os estrangeiros, que adquiriram cães mestiços como se puros fossem. A má-fé estaria, nessa última hipótese, caracterizada pelo intento deliberado de lucro, sobrepondo-se ao dever ético de preservar a integridade da raça. É uma inversão total de valores a admissão de mestiços pretos em padrão oficial da raça.

Não me cabe, entretanto, psicanalizar os mestiçadores. O meu problema é combater a mestiçagem. Acusações pessoais, em nada contribuem para resolver os problemas da cinofilia. Delas apenas resultam retaliações indignadas. Estranhamente, a alegada raridade do “fila preto” é manipulada como um penhor de excelência racial (?). Esse argumento é espantoso, porque não há relação alguma entre raridade de cores e pureza racial. Mas a raridade estimula a pretensão de comprarem, os estrangeiros, cães atípicos. Esse o seu efeito pragmático nefasto.

Lamentavelmente, quem vende os mestiços pretos não esclarece, nem concede, que há no Brasil ferrenha e justificada oposição a essa cor. O preto no fila é falta grave, indicadora de mestiçagem. Falta grave também na ética da criação.

Aliás, em decorrência da sua heterozigose (mistura de raças diferentes), o mestiço preto tem sistema nervoso e temperamento imprevisíveis. E mais uma vez a raça é prejudicada, porque os desvios comportamentais dos mestiços são imputados a ela. O velho e autêntico Fila Nacional, não merece isso. O “fila preto” é uma triste figura. Um coquetel rácico. Uma irrisão e dolorosa vergonha – eis aí em síntese o “fila preto”.

Concluo essas breves notas com as seguintes ponderações. Melhor do que o “fila preto”, para ajudar as denúncias procedentes contra a mestiçagem, somente seria a erradicação dessa prática e seus efeitos nocivos. Não existe Fila preto, como escreveu o Dr. Paulo Santos Cruz (*O Fila*, nº 07, junho/79). A cor preta “grita” a mestiçagem. Com realismo, devemos agradecer ao mestiço preto, porque de cor todos conhecem. O “fila preto” se converte assim num grande aliado na luta contra a mestiçagem. É mais do que nunca necessário acabar com a tolerância diante das misturas na raça Fila. Um elementar dever do patriotismo. Obrigação incontornável da cinofilia oficial e extraoficial, pena de converter-se numa “cinofobia” corrosiva da pureza genética do Fila, um patrimônio que nós, os brasileiros, devemos preservar.

O autor é advogado. Professor da Pós-Graduação (Especialização, Mestrado e Doutorado) em Universidades do Recife (PE) e São Paulo (SP). Escreveu vários livros de Direito e um ensaio de pensamentos, sob o título “Ciência Feliz”, já em 3ª edição.
